

O impacto do telemóvel na sociedade contemporânea: panorama de investigação em Ciências Sociais

PATRÍCIA DIAS *

Introdução

A capacidade de criar artefactos faz parte da essência do ser humano, que sempre viveu/sobreviveu apoiando-se em tecnologias. Na sociedade contemporânea, o telemóvel destaca-se pela sua generalização, expressa por taxas de penetração de 111,5% em Portugal e de 101,9% na União Europeia (ANACOM, 2006), e também pela rapidez com que esta tecnologia foi globalmente adoptada e por tender a ser utilizada com frequência crescente. Além disso, é uma tecnologia integrada no quotidiano, isto é, os seus utilizadores consideram-na natural e sempre disponível, mas com profundos impactos sociais. A investigação sobre o telemóvel em Ciências Sociais é bastante recente, estando embora a surgir por todo o globo, particularmente na Europa e no Japão. A actualidade é marcada pelo amadurecimento e pela afirmação deste tema de investigação, com o lançamento de vários livros (Hamill e Lasen, 2005; Harper *et al.*, 2005; Ito *et al.*, 2005; Ling e Pedersen, 2005; Katz, 2006; Kavoori e Arceneaux, 2006) e com estudos quantitativos que corroboram o trabalho qualitativo inicial (*The Mobile Life Report*, 2006). Neste artigo, pretendemos apresentar um olhar integrado e crítico sobre a investigação no âmbito deste tema, a partir de uma revisão da literatura, destacando os impactos sociais mais relevantes desta tecnologia.

* Assistente da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (pdias@fch.ucp.pt) e da Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal (pdias@esce.ips.pt)

Panorama actual da investigação sobre o telemóvel em Ciências Sociais

A investigação sobre o telemóvel insere-se num tema mais vasto, o da relação entre a tecnologia e a sociedade. Neste âmbito, os cientistas dividem-se entre visões opostas: o determinismo tecnológico defende que a tecnologia determina a mudança social e o construtivismo social advoga que é a sociedade que constrói a tecnologia. No que se refere ao estudo do telemóvel, a investigação é unânime em assumir que tecnologia e sociedade interagem, influenciando-se mutuamente.

Sendo o impacto social do telemóvel um campo de investigação complexo e variado, apresentamos a revisão da literatura organizada em oito temas.

1. A utilização do telemóvel: novas práticas e variações culturais

Este tema aborda mudanças sociais relacionadas com o telemóvel em diversos contextos geográficos e culturais. A partir de análises localizadas e/ou comparativas, os investigadores reflectem sobre o modo particular como esta tecnologia é adoptada e utilizada em contextos distintos e apontam factores explicativos.

Relativamente à rápida penetração do telemóvel, a adopção desta tecnologia é motivada pela possibilidade de satisfazer necessidades: segurança, conveniência na coordenação, intensificação da sociabilidade, mobilidade, diversão, elevado estatuto social (Palen *et al.*, 2000; Hoflich e Rossler, 2002). Nos adolescentes, destacam-se as necessidades de afirmação da identidade e de pertença ao grupo (Lorente, 2002: 17). Além disso, os utilizadores pressionam os não-utilizadores a adoptarem esta tecnologia e motivam a utilização frequente através de contactos que requerem reciprocidade.

As investigações sobre a utilização do telemóvel incidem sobretudo nos jovens, entre os quais se encontram práticas próprias e originais. Distinguem-se pelo pioneirismo, pela utilização intensa, pela comunicação com os pares e por preferirem mensagens SMS às chamadas. A troca intensa de SMS é importante para a manutenção e dinamização das relações no grupo, reforçando a coesão, e por isso é considerada um ritual *gift-giving* por Taylor e Harper (2001a: 5). Deste ritual faz parte uma linguagem própria, económica e emotiva, que se aproxima da oralidade e que resulta da interacção entre as limitações da tecnologia e a criatividade dos jovens. Por outro lado, a utilização intensa de SMS pode dificultar o desenvolvimento de competências sociais (Fortunati e Magnanelli, 2002; Geser, 2004).

Relativamente à adopção diferenciada do telemóvel, os principais factores explicativos sugeridos são a idade e o género.

A idade é inversamente proporcional à adopção do telemóvel e à frequência da sua utilização. Os jovens são os utilizadores mais frequentes desta tecnologia, e também os mais competentes (Fortunati e Magnanelli, 2002).

No que diz respeito ao género, as práticas dos homens tendem a ser mais instrumentais e as das mulheres mais emotivas. Os primeiros utilizam o telemóvel sobretudo por motivos profissionais, ao passo que as segundas se servem dele para coordenar o quotidiano profissional, doméstico e familiar (Puro, 2002). Entre os jovens, os rapazes interessam-se mais pela dimensão lúdica, e utilizam-no sobretudo para coordenação. Já as raparigas recorrem a esta tecnologia para manter e reforçar as relações com os pares e para expressar emoções, e personalizam mais os seus aparelhos (Hoflich e Rossler, 2002; Kasesniemi e Rautiainen, 2002; Lobet-Maris e Henin, 2002; Mante-Meijer e Pires, 2002; Ling, 2002, 2004).

Outro factor a considerar é a classe social (Skog, 2002: 256), sendo que entre as classes mais baixas a utilização desta tecnologia tende a ser mais ostensiva, correspondendo a uma tentativa de identificação com um estatuto social mais elevado.

Quanto ao contexto geográfico e cultural, Castells *et al.* (2004) identificam três áreas nas quais a apropriação e utilização do telemóvel diferem: Europa, EUA e Ásia-Pacífico. Os EUA caracterizam-se por uma penetração mais baixa, relacionada com limitações tecnológicas e do mercado e com a forte adesão a outras tecnologias, como a Internet. A Europa e a Ásia-Pacífico têm em comum uma adesão rápida e generalizada. Contudo, a utilização é distinta: na Europa são preferidas as mensagens SMS, o telemóvel é utilizado para coordenação e é visto como uma ferramenta; na Ásia, esta tecnologia suporta a conectividade social, há elevada adesão à Internet móvel (*i-mode*) e os aparelhos são acessórios de moda que expressam identidades.

Alguns estudos propõem categorizações. Wilska (2003: 451) distingue três tipos de utilização entre os jovens, consoante a frequência e a importância desta tecnologia: uso dependente, uso segundo tendências e uso superficial. Ling e Yttri (2002) sugerem uma distinção relativa à finalidade da utilização: a micro-coordenação consiste numa utilização instrumental para gestão das actividades quotidianas, e a hipercoordenação corresponde a uma utilização simbólica para expressar emoções e afirmar a identidade, a pertença a grupos e o estatuto social. Aoki e Downes (2003: 353-358) propõem cinco perfis de utilizadores, consoante a utilização: consciente dos custos (o telemóvel permite poupar), consciente da segurança (o telemóvel proporciona segurança), dependente (o telemóvel possibilita contacto constante), sofisticado (o telemóvel expressa estilo de vida) e prático (o telemóvel é útil). *The Mobile Life Report* (2006: 10) também identifica, a partir

de traços demográficos e de padrões de utilização comuns, seis tribos distintas de utilizadores.

Mais recentemente, têm surgido investigações sobre os *camera phones* (Okabe, 2004; Ito e Okabe, 2005; Rivière, 2005). Ao contrário do que a indústria previu, as pessoas não enviam as fotografias que tiram por MMS ou por *e-mail*, armazenam-nas no aparelho e mostram-nas em interacções face a face. Além disso, não seguem a lógica de registo de momentos significativos e especiais tradicionalmente inerente ao acto de fotografar, registam momentos efémeros do quotidiano, com elevado valor afectivo (pessoas, animais de estimação, objectos) e/ou com carácter utilitário (produto a comprar, mapa, etc.). A expressão *citizen journalism* (*The Mobile Life Report*, 2006: 45) refere-se à capacidade de cada utilizador de telemóvel captar e divulgar imagens do quotidiano que considera *newsworthy*.

Em suma, estas investigações pretendem clarificar a relação interactiva entre a tecnologia e a sociedade, observando a forma como os utilizadores se apropriam do telemóvel em contextos sociais distintos e procurando explicar o que motiva a sua adopção e o que influencia a sua utilização.

2. A conectividade social: comunicar mais com as mesmas pessoas

A principal função do telemóvel é a comunicação; por isso, o seu impacto social reflecte-se sobretudo na conectividade.

A maioria das investigações sobre este tema observa um aumento da conectividade social, que consideram consequência da utilização generalizada e frequente do telemóvel (Plant, 2001; Lasen, 2002, 2004a; Vincent e Harper, 2003; Rosen, 2004; Vincent, 2004a).

Algumas investigações comparam a interacção face a face com a mediada através do telemóvel, advogando que as diferenças no processo comunicacional se reflectem nas redes de relações. A interacção mediada por telemóvel é mais frequente, curta e informal e tem um conteúdo menos complexo (Vincent e Harper, 2003: 7-11). A sua frequência reforça as relações, porque estas são percebidas como permanentes (*perpetual contact*, Katz e Aakhus, 2002; *ultra-connectedness*, Myiata et al., 2005: 433). O aparelho representa, portanto, a presença virtual daqueles com quem permite contactar (Plant, 2001: 56; Licoppe e Heurtin, 2002: 106). Este tipo de interacção também se caracteriza pela expectativa de reciprocidade (Taylor e Harper, 2001b: 14-18).

Apesar de aumentar a conectividade social, o telemóvel não a expande, isto é, os utilizadores desta tecnologia comunicam mais, mas com as mesmas pessoas. As

interacções são mais frequentes, mas no âmbito da rede social próxima já existente; o telemóvel não propicia o surgimento de novas relações (Vincent e Harper, 2003: 8-13). Matsuda (2005: 133) designa este fenómeno por criação de *full-time intimate communities*, e Habuchi (2005: 167) por *telecocoon*. Contudo, Geser (2004: 10) refere que as mensagens SMS contribuem para a manutenção de relações periféricas e menos significativas.

Outra questão colocada é sobre o capital social existente nas relações mediadas por telemóvel. Por um lado, o telemóvel cria e reforça capital social através do aumento da frequência das interacções e do contacto permanente (Ling, 2004), das mensagens SMS que mantêm relações periféricas (Goodman, 2003), e até mesmo da bisbilhoteira, que reforça a coesão dos grupos (Fox, 2001). Por outro lado, diminui o capital social quando torna os seus utilizadores indisponíveis para interacções face a face. Além disso, ao reforçar a coesão, torna as suas fronteiras menos permeáveis, dividindo a sociedade em grupos fechados (*balkanization of social interaction* e *walled communities*, Ling, 2004: 190-192). Neste sentido, Matsuda (2005: 123) designa como *selective sociality* o facto de o telemóvel facilitar a selecção dos membros da rede de relações. Como consequência, os grupos são mais coesos e homogéneos e a sociedade é mais fragmentada. Também Miyata *et al.* (2005a: 160; 2005b: 428-429) referem as expressões *networked individualism* (de Wellman) e a comunicação *person-to-person* (contrastando com *door-to-door* e *place-to-place*) para designar a capacidade de cada utilizador para construir a sua rede de relações próxima, independentemente das limitações do espaço e do tempo, apenas em função de interesses comuns e da sua vontade.

Uma vez que o telemóvel proporciona diferentes tipos de comunicação, como as chamadas, as mensagens SMS e MMS, os *e-mails*, as vídeo-chamadas e ainda os toques, algumas investigações pretendem descobrir os critérios de escolha dos utilizadores. Segundo Fortunati e Magnanelli (2002), a forma de comunicação é escolhida em função da sua adequação à situação, ao interlocutor e ao objectivo. Assim, as chamadas são preferidas quando é necessária uma resposta imediata, quando o assunto é complexo ou quando se pretende um contacto mais próximo; as mensagens SMS são mais adequadas para comunicações rápidas e discretas; os toques têm cariz emotivo e são utilizados para reforçar as relações.

Como conclusão, a necessidade de comunicar inerente ao ser humano é a principal justificação para a imprescindibilidade do telemóvel na sociedade contemporânea, e as características desta tecnologia reflectem-se nas relações sociais.

3. A coordenação: o telemóvel como facilitador do quotidiano

A comunicação, principal função do telemóvel, reforça as relações sociais (conectividade) e/ou é instrumental, visando facilitar a organização do quotidiano (coordenação). A coordenação é, portanto, outro objecto de estudo.

A coordenação rege-se por duas referências, o tempo e o espaço. Algumas investigações focam mudanças na percepção destes conceitos relacionadas com a utilização do telemóvel. O telemóvel poupa tempo ao facilitar a gestão do quotidiano e preenche tempos de espera, mas, por outro lado, também preenche o tempo livre ao aumentar a frequência das interações e ao permitir mais actividades em simultâneo. Assim, acelera o ritmo do quotidiano (Townsend, 2001: 9). Quanto ao espaço, o telemóvel possibilita mobilidade, mas também pode reduzi-la, se um contacto mediado substitui uma deslocação. O conceito de espaço muda na medida em que deixa de ser percebido como uma limitação (Ling e Haddon, 2001; Haddon, 2002), e também porque o telemóvel cria um espaço privado que acompanha sempre o utilizador (Lasen, 2002).

A utilidade na coordenação, conjugando comunicação e mobilidade, é uma das principais motivações para adquirir e utilizar o telemóvel. O acréscimo de mobilidade tem como consequência uma maior dificuldade de coordenação, mas esta é solucionada com a flexibilidade possibilitada pelo próprio telemóvel, que permite reajustes de horários e locais de encontro. Esta tecnologia tornou-se parte da rotina quotidiana e é imprescindível para que esta decorra sem perturbações (Ling e Haddon, 2001: 2).

Ling e Yttri (2002) distinguem dois tipos de coordenação: a microcoordenação é uma utilização instrumental para gerir tarefas e encontros, sendo os exemplos mais comuns redireccionar deslocações já iniciadas, justificar atrasos e combinar pontos de encontro (Ling, 2000b: 16; Ling e Yttri, 2002: 145); a hipercoordenação acrescenta uma utilização expressiva, para reforçar relações, afirmar identidades e pertença a grupos (Ling e Yttri, 2002: 140).

Como consequência, surgem mudanças nas regras sociais. No âmbito da microcoordenação, a sincronização do tempo tornou-se mais flexível e já não depende só do relógio (Ling, 2004: 58-73), que foi incorporado no telemóvel. Depende sobretudo de contactos em sequência, através dos quais se negocia uma coordenação contínua, que Plant (2001: 61) designa como *aproximeeting*. As novas regras sociais, entre as quais se destaca o aviso de atraso como justificação válida, minimizam a importância da pontualidade e tornam as relações flexíveis e instáveis (Lasen, 2001: 37; Geser, 2004: 20; Ling, 2004: 73). No que concerne à hipercoordenação, o telemóvel mantém e reforça as redes de relações. Da utilização expressiva resultam novas

práticas, como dar toques, e novas regras, como a obrigação tácita de reciprocidade. Os conteúdos do telemóvel, como o número de contactos e as mensagens e fotografias armazenadas, não só têm valor afectivo, como são indicativas de estatuto e popularidade (Ling e Yttri, 2000: 18; 2002: 158-159; Ling, 2004: 103). Também a personalização do aparelho e o modo como é utilizado expressam a identidade e o estilo de vida do utilizador (Ling e Yttri, 2002: 163; Ling, 2004: 103).

A utilização do telemóvel na coordenação social traduz-se por uma negociação constante de novas regras e práticas, algumas consolidadas e outras emergentes.

4. O público e o privado: novas fronteiras e novas regras de interacção social

O primeiro aspecto relacionado com o telemóvel que chamou a atenção dos cientistas sociais foi o surgimento de novas situações nas quais os espaços público e privado se sobrepõem, causando dilemas sobre a forma correcta de (inter)agir. Assim, o atenuamento de fronteiras sociais e a negociação/surgimento de regras sociais constituem um importante objecto de estudo.

O telemóvel esbate as fronteiras sociais, porque separa a comunicação do seu contexto espacial, dando origem à interpenetração de espaços reais e virtuais, e à crescente flexibilidade (Geser, 2004: 35) e fluidez (*The Mobile Life Report*, 2006: 38) das fronteiras sociais. Lasen (2001: 40) observa uma privatização do espaço público, na medida em que o telemóvel corresponde a um espaço privado virtual que acompanha sempre o seu utilizador. Prasopoulou *et al.* (2004) referem a atenuação da fronteira trabalho/lazer, e Fortunati (2002b) as fronteiras local/global e real/virtual.

Inicialmente, o telemóvel foi considerado intrusivo, porque entrava em conflito com as regras sociais vigentes nos locais públicos (Lasen, 2001: 40; Vincent e Harper, 2003: 7; Geser, 2004; Ling, 2001, 2004), por exemplo, proporcionando, em simultâneo, interacções através do telemóvel e face a face (Ling, 1997: 11). Geralmente, é dada preferência à interacção mediada (Plant, 2001: 30), e o utilizador do telemóvel foca a sua atenção num espaço virtual em detrimento do real, deixando de respeitar as regras deste último e tornando-se uma presença ausente (Palen *et al.*, 2000: 209; Fortunati, 2002b: 517-520; Gergen, 2002: 227).

Outros aspectos incomodativos são o ruído (Levinson, 2004: 78), a obrigação de ouvir as conversas alheias (*forced eavesdropping*, Ling, 2004: 140), a indiferença, a inveja do estatuto social expresso através do telemóvel e a obrigação profissional de estar contactável em tempo de lazer (Plant, 2001; Lasen, 2002; Katz, 2003; Ge-

ser, 2004; Levinson, 2004; Prasopoulou *et al.*, 2004: 2-5). Paradoxalmente, o telemóvel é considerado incomodativo, mas é cada vez mais utilizado, e à medida que surgem mais regras e os utilizadores são mais cumpridores, são também cada vez mais tolerantes perante o desrespeito pelas mesmas por parte de outros (Lasen, 2002; Rosen, 2004).

Alguns exemplos de regras sociais emergentes são: colocar o telemóvel no modo «silêncio» em vez de desligar (Lasen, 2002a); novos rituais de início e fim das interações, em que a identificação dos interlocutores é substituída pela identificação do espaço em que se encontram (Lasen, 2001: 35; Plant, 2001: 61); estratégias variadas de gestão de interações face a face e mediadas simultâneas, da privacidade e do desejo/expectativa de «contactabilidade» (Plant, 2001: 30; Haddon, 2002; Hoflich e Rossler, 2002: 81; Lasen, 2002; Vincent e Harper, 2003: 24; Geser, 2004; Levinson, 2004: 64; Ling, 2004; Prasopoulou *et al.*, 2004: 5).

A permanente negociação de novas regras de interação social constitui um objecto de estudo inesgotável, porque muda à medida que tecnologia e sociedade interagem.

5. A dimensão simbólica do telemóvel: os seus significados sociais

Sendo uma tecnologia de utilização frequente e generalizada, o telemóvel adquiriu uma dimensão simbólica que se expressa através de significados sociais e de metáforas reveladoras do seu impacto social.

Relativamente à comunicação, o telemóvel é uma ferramenta que aumenta a sociabilidade (Palen *et al.*, 2000: 201; Taylor e Harper, 2002: 2) e que, devido ao contacto permanente, representa a presença virtual da rede de relações próxima (Fox, 2001: 12; Lasen, 2004b: 1).

No que se refere à coordenação, por facilitar a gestão de tarefas, actividades e relações, o telemóvel é comparado a uma bússola (Geser, 2004: 31) e às chaves (Miyata *et al.*, 2005b: 427).

Sendo uma tecnologia pessoal, privada, próxima do seu utilizador, e que representa a presença virtual da sua rede de relações, este desenvolve uma ligação emocional em relação ao aparelho (Lasen, 2002, 2004a, 2004b; Vincent e Harper, 2003; Vincent, 2004a). Por isso, o telemóvel é comparado a um animal de estimação (Rosen, 2004: 30) e a um ursinho de pelúcia (De Gournay, 2002: 201), e designado como *cyberpet* (Plant, 2001: 62).

Uma das principais motivações para a sua adopção é o facto de esta tecnologia proporcionar segurança (Lasen, 2001: 38; Aoki e Downes, 2003: 361; Ling, 2004: 54).

O telemóvel é uma *baby-sitter*, quando facilita as tarefas de cuidar de crianças, doentes e/ou idosos (Ling, 2004: 43), e é um escudo protector e/ou um guarda-costas, quando utilizado para indicar indisponibilidade para interagir (Plant, 2001: 62; Ling, 2004: 45; *The Mobile Life Report*, 2006: 14).

A exibição do telemóvel também se associa a significados simbólicos (*stage-phoning*, Plant, 2001: 49). Por representar elevado estatuto social, os homens recorrem ao telemóvel nos jogos de sedução, para impressionar as mulheres (Plant, 2001: 40-1; Rosen, 2004: 29). Com a sua generalização, deixou de representar riqueza e sucesso profissional e tornou-se sinónimo de integração e valorização social. Usar muito o telemóvel representa ter uma vida preenchida e feliz, ao passo que não o utilizar demonstra solidão e exclusão (Ling e Helmersen, 2000: 15; Taylor e Harper, 2001a: 17; Fortunati, 2002a: 54).

Esta tecnologia também pode ser considerada um acessório de moda, que expressa a personalidade e o estilo de vida do utilizador (Katz e Sugiyama, 2005), sobretudo através da personalização (Lasen, 2001: 38; Wilska, 2003: 449). Ling (2000a) identifica três dimensões simbólicas: o telemóvel expressa a imagem pretendida pelo utilizador; o seu significado resulta da interacção entre o que o utilizador pretende expressar e o que é interpretado pelos outros; e a forma como a sua apresentação é comentada no grupo aumenta a sua coesão. Assim, o telemóvel é como uma jóia, com elevado valor material e simbólico (Ling, 1997: 5; Plant, 2001: 44; Lobet-Maris e Henin, 2002: 104-105).

O telemóvel assume entre os jovens significados simbólicos particulares: a relação com os pares corresponde a um ritual de *gift-giving* (Taylor e Harper, 2001a, 2001b, 2002); na relação com os pais, o telemóvel pode representar maior liberdade (Lobet-Maris e Henin, 2002: 111; Lorente, 2002: 16-19), mas também uma trela (Palen *et al.*, 2000: 210; Haddon, 2002: 29; Levinson, 2004: 90) ou um cordão umbilical (Palen *et al.*, 2000: 204; Haddon, 2002: 29; Ling, 2004: 100).

Há também significados simbólicos mais genéricos: o telemóvel é a cola que interliga a sociedade (*The Mobile Life Report*, 2005: 6), emblema da vida contemporânea (Fortunati, 2002b: 46), símbolo da cultura urbana (Lasen, 2002: 6) e metáfora da modernidade (Skog, 2002: 270).

6. Os sentidos: o telemóvel como extensão do eu

Tendo em conta o pensamento de Marshall McLuhan (1911-1980), para quem os *media* são extensões do homem e influenciam o modo como percebemos o mundo e nos relacionamos com ele, através dos sentidos que estimulam ou não

(McLuhan, 1964, 1969), algumas investigações debruçam-se sobre a relação que se estabelece entre o utilizador e o telemóvel, e sobre os sentidos que esta tecnologia estimula.

Vincent (2004a: 4-6) considera que o telemóvel estimula todos os sentidos: directamente a visão (o telemóvel tem um ecrã, no qual os utilizadores fixam o olhar), a audição (com o toque, as chamadas, a possibilidade de ouvir música) e o tacto (através das teclas, das mensagens SMS, da vibração e da proximidade do corpo), e indirectamente o olfacto e o paladar (o contexto em que decorrem as interacções e/ou as recordações podem aludir a estímulos a estes sentidos). Os estímulos são inesperados e até intrusivos, e alguns deles, como o toque, exigem atenção imediata. Através deles, o telemóvel ganha prioridade como alvo da atenção do utilizador, em detrimento do ambiente físico e das pessoas presentes.

Como consequência do estímulo aos sentidos, cria-se uma ligação entre o utilizador e o seu aparelho, que tem cariz emocional (Vincent e Harper, 2003; Larsen, 2004a, 2004b; Vincent, 2004a). Plant (2001: 64) descreve «[...] *this sense of attachment as a need, dependency, even addiction*». São algumas das características do telemóvel que estimulam a sua valorização afectiva. É uma tecnologia íntima (Fortunati, 2002a: 48), sempre próxima do utilizador, que estimula os sentidos e a expressão de emoções. Também representa a presença virtual da rede de relações próxima. É pessoal (Lorente, 2002: 13; Lobet-Maris e Henin, 2002: 107; Ling, 2004: 151) e identifica um utilizador concreto (Goodman, 2003: 3). É também privado, possibilita interacções privadas, mesmo no espaço público, e armazena informação privada.

O telemóvel, como extensão do corpo, está sempre próximo deste. Devido ao seu carácter íntimo, pessoal e privado, surgiu a necessidade/possibilidade de o personalizar. Assim, o telemóvel não é apenas uma extensão do corpo, é também extensão da personalidade, da identidade, do estilo de vida, do estatuto social (Larsen, 2001, 2004a, 2004b; Lobet-Maris e Henin, 2002; Lorente, 2002; Aoki e Downes, 2003; Vincent e Harper, 2003; Rosen, 2004; Fortunati, 2005). Como extensão do corpo, o telemóvel influencia a linguagem corporal e a postura; como extensão da personalidade, influencia as competências comunicacionais, a imagem pública e, sobretudo, a expressão de emoções (Plant, 2001; Townsend, 2001; Larsen, 2002, 2004a).

7. A emoção: o telemóvel como presença virtual e como estímulo à expressividade

Considerando que o telemóvel suscita uma ligação emocional por parte do utilizador (Lasen, 2002, 2004a, 2004b; Vincent e Harper, 2003; Vincent, 2004a, 2004b), algumas investigações identificam práticas de utilização emotivas, como a linguagem das mensagens SMS, dar toques, tocar no aparelho e recusar apagar conteúdos, sendo o seu objectivo explicar estas práticas e compreender a ligação emocional que elas expressam.

Algumas justificações relacionam-se com características da tecnologia enquanto extensão, abordadas no tema anterior. Outras derivam do tipo de comunicação que o telemóvel possibilita/estimula, que é afectiva por ocorrer no âmbito da rede de relações próxima. Outro aspecto relevante é que o telemóvel possibilita/estimula a expressão de emoções (Lasen, 2004a: 3).

Uma das explicações advoga que o telemóvel, por mediar relações que suscitam emoções, se torna objecto de emoções. Lasen (2004a: 14-15) considera que as emoções se transferem para o telemóvel, que não só medeia a interacção como também representa a presença virtual dos outros. Devido à intensificação da conectividade nas redes de relações próximas, a expressão/sentimento de emoções torna-se mais frequente e associa-se ao aparelho mediador que as possibilita.

Outra proposta foca a espontaneidade da expressão/sentimento de emoções, que o telemóvel intensifica ao proporcionar contacto permanente, o que reforça a relação com os outros e com o aparelho (Kasesniemi e Rautiainen, 2002: 171; Vincent e Harper, 2003: 17; Levinson, 2004: 94).

Outro aspecto que contribui para a ligação emocional do utilizador ao aparelho é o facto de este ser memória de momentos significativos, pois acompanha sempre o utilizador e é reservatório de conteúdos com cariz afectivo (Taylor e Harper, 2001a, 2001b, 2002; Lasen, 2004a: 8).

Por outro lado, algumas investigações observam uma diminuição das emoções expressas/sentidas, relacionada com o telemóvel. Por exemplo, o contacto permanente contribui para diminuir as saudades e a coordenação minimiza a ansiedade que antecede os encontros, bem como a sua espontaneidade (Geser, 2004: 16).

Em suma, a relação emocional que surge entre o utilizador e o telemóvel é uma característica distintiva desta tecnologia, e que se traduz por uma elevada valorização da mesma.

8. A dependência: a imprescindibilidade do telemóvel no quotidiano

O telemóvel é caracterizado por investigadores e utilizadores como necessário e até imprescindível, o que suscita a questão abordada neste tema: Poderá causar dependência?

Nas Ciências Sociais, a dependência relaciona-se com a satisfação de necessidades e tem um carácter psicológico, referindo-se a necessidades intrínsecas ao ser humano. As investigações sobre o telemóvel preferem termos mais moderados, como uso excessivo, problemático ou indícios de dependência, pois pressupõem que tecnologia e sociedade interagem. Esta questão surgiu associada à observação de uma relação de substituição/complementaridade entre o telemóvel e o cigarro (Charlton e Bates, 2000; Peretti-Watel *et al.*, 2002).

Vários investigadores já referidos observam comportamentos que consideram indícios de dependência, sendo os seguintes os mais recorrentes: uso frequente desta tecnologia; utilização em qualquer lugar e momento, independentemente do tempo, do espaço, da companhia, das proibições e dos riscos; relutância em desligar o aparelho; contactabilidade constante e expectativa de reciprocidade na disponibilidade e nas interações; percepção do telemóvel como intrusivo mas crescente tolerância à sua intrusividade; verificação constante se alguém ligou ou se foi recebida alguma mensagem; sensação de desconforto e ansiedade quando o telemóvel não está perto do corpo e/ou quando não pode ser usado; gastar excessivamente e dificuldade em controlar os gastos; elevada ansiedade em caso de impossibilidade de utilizar o telemóvel; imperceptibilidade da influência do telemóvel no quotidiano e sentimento de controlo incoerente com os comportamentos. *The Mobile Life Report* (2006: 16) define como *heavy user of mobile phone* aquele que excede seis comunicações de voz diárias através deste meio.

Os investigadores propõem explicações, que se dividem em factores sociais e psicológicos.

Relativamente aos factores sociais, Townsend (2001) considera que a dependência do telemóvel deriva da sua utilidade, principalmente na conectividade e na coordenação, o que o torna imprescindível para que o quotidiano decorra com normalidade. Vários investigadores identificam uma pressão social por parte dos utilizadores para que os outros adquiram/utilizem mais esta tecnologia, expressa pelos conceitos de contágio social (Aoki e Downes, 2003), reciprocidade e *gift-giving* (Taylor e Harper, 2001b: 14-18; Hoflich e Rossler, 2002: 93; Lasen, 2004a: 15), utilização expansiva e efeito bola de neve (Geser, 2004), e pressão social (Levinson, 2004: 68). A pressão social é também exercida através da possibilidade de exclusão de quem não utiliza esta tecnologia (Puro, 2002: 28). Assim, a sociedade motiva a

dependência, porque ter telemóvel é condição *sine qua non* para a integração e a coordenação (Taylor e Harper, 2001a, 2001b, 2002; Lasen, 2002; Aoki e Downes, 2003; Geser, 2004; Levinson, 2004).

No que diz respeito a factores psicológicos, estes associam-se ao facto de o telemóvel facilitar a satisfação de várias necessidades: de afiliação, de pertença, de comunicação, de segurança, de estima. O contacto permanente com a rede de relações próxima é um dos factores que mais contribuem para a utilização frequente e para a dependência. A expectativa de disponibilidade constante resulta em preocupação quando alguém não atende o telemóvel; por conseguinte, não poder utilizar o telemóvel resulta em ansiedade, pela possibilidade de a rede de relações próxima estar preocupada (Lasen, 2004b: 2). Devido à reciprocidade, a ansiedade surge não só na impossibilidade de retribuir uma interacção, mas também quando a retribuição não é recebida. Os utilizadores tornam-se, assim, dependentes do desejo e/ou da obrigação tácita de contacto permanente (Frachiolla, 2001: 5). A ligação emocional entre o utilizador e o seu telemóvel é outro dos factores que se associam à dependência, pois é devido a ela que os utilizadores valorizam o seu aparelho e o percebem como indispensável (Vincent e Harper, 2003: 17-31; Lasen, 2004a: 12). Levinson (2004) justifica a dependência do telemóvel classificando-o como uma tecnologia irresistível, que é intrusiva, pois o utilizador não controla os seus estímulos e estes exigem atenção imediata. Neste sentido, o utilizador depende do seu aparelho, porque ele condiciona a sua acção. Por fim, Park (2005: 264-269) identifica uma correlação positiva entre a solidão, o hábito e a necessidade de escape e a utilização excessiva do telemóvel, que culmina em dependência.

A existência de dependência e o seu carácter, causas e potenciais soluções são questões não consensuais e que exigem investigação futura. São particularmente relevantes, porque dizem respeito à relação entre tecnologia e sociedade e podem pôr em causa o pressuposto de interacção actualmente vigente nesta área de investigação.

Linhas de investigação futura

A investigação em ciências sociais sobre o telemóvel está em permanente desenvolvimento, à medida que a tecnologia se aperfeiçoa e os utilizadores se apropriam dela. Assim, há propostas em debate e questões por responder, que se renovam à medida que tecnologia e sociedade interagem.

Relativamente à utilização do telemóvel, há contextos socioculturais que ainda não foram estudados, como é o caso do português. Além disso, a apropriação dos

telemóveis 3G é um objecto de estudo incontornável. O estudo de outras variáveis, além da geografia, da idade e do género, que influenciem a utilização do telemóvel, constitui outra linha de investigação.

No âmbito da conectividade, questões como a comparação do capital social decorrente das interacções mediadas e face a face e o papel do telemóvel na formação das redes de relações carecem de desenvolvimento.

No que diz respeito à coordenação, novas práticas sociais merecem ser aprofundadas, principalmente os efeitos sociais decorrentes do aumento da flexibilidade na coordenação. As percepções dos utilizadores relativas ao ritmo mais acelerado do quotidiano e à importância do telemóvel para a manutenção/gestão desse ritmo constituem outro tema importante.

Em relação às fronteiras e regras sociais, destacam-se como temas relevantes para futuro desenvolvimento as estratégias para preservar a privacidade e para lidar com interacções simultâneas, a proposta de que a utilização do telemóvel diminui as competências sociais, e o conceito de mentira, bem como a confiança/desconfiança nas relações.

No que concerne à dimensão simbólica do telemóvel, a descoberta e análise de novos significados é indissociável da interacção constante entre tecnologia e sociedade.

Tendo em conta o estímulo do telemóvel aos sentidos, uma análise da relação de cada utilizador com o seu aparelho concreto, do modo como se apropria dele, constitui uma possibilidade de investigação a considerar. Outros temas interessantes são a tendência de integração do telemóvel no corpo e as razões e critérios de personalização.

Quanto à emoção, destacam-se os temas da expressão de emoções, da valorização afectiva dos conteúdos e da ligação emocional. A utilização impulsiva do telemóvel, que possibilita a satisfação imediata de necessidades emocionais, é um tema pouco explorado.

Por fim, há que definir melhor o conceito de dependência e verificar empiricamente a sua existência. Um ponto de partida para investigação poderá ser a reacção dos utilizadores e as consequências concretas da indisponibilidade desta tecnologia. As percepções dos utilizadores relativamente à frequência de utilização, à imprescindibilidade e ao controlo da tecnologia são particularmente relevantes. Seria também interessante encontrar um padrão de desenvolvimento da utilização/apropriação do telemóvel.

Conclusão

Esta revisão da literatura da investigação em Ciências Sociais sobre o telemóvel pretende ser um ponto de partida para um estudo mais aprofundado da utilização desta tecnologia.

O estudo constante da utilização do telemóvel na sociedade contemporânea é relevante em virtude do grau de generalização e de utilização desta tecnologia e da sua integração no quotidiano, podendo ser considerada uma das tecnologias dominantes da actualidade.

Tendo em conta a interacção constante entre tecnologia e sociedade, a apropriação de novos desenvolvimentos tecnológicos origina negociações e imprime mudanças, tanto na sociedade como na tecnologia. O conhecimento aprofundado do modo como os utilizadores interagem com o telemóvel pode contribuir para uma utilização mais consciente desta tecnologia, para uma mais fácil e rápida apropriação e adaptação às mudanças sociais a ela associadas e ainda para que o desenvolvimento tecnológico vá ao encontro das necessidades e preferências dos utilizadores, bem como dos objectivos empresariais dos vários agentes do sector das telecomunicações móveis. A investigação científica pode assim assumir um papel orientador/regulador na interacção entre tecnologia e sociedade, pois ao clarificar o impacto da tecnologia na vida quotidiana torna o homem mais apto a lidar com ele, minimizando os efeitos negativos e potenciando os positivos.

BIBLIOGRAFIA

- ANACOM (2006), «Estatísticas do Serviço Telefónico Móvel» (1.º e 2.º trimestres de 2006).
- AOKI, Kumiko e DOWNES, Edward J. (2003), «An Analysis of Young People's Use of and Attitudes toward Cell Phones», *Telematics and Informatics* 20, Japão: Elsevier, pp. 349-364.
- CASTELLS, Manuel, FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia, QIU, Jack, SEY, Araba (2004), «The Mobile Communication Society – A cross-cultural analysis of available evidence on the social uses of wireless communication technology», apresentado no *International Workshop on Wireless Communication Policies and Prospects: A Global Perspective* (8-9 de Outubro), Los Angeles: Annenberg School of Communication, University of Southern California.
- CHARLTON, Anne e BATES, Clive (2000), «The Decline in Teenage Smoking and the Rise of the Mobile Phone: A hypothesis», *British Medical Journal* 321, Reino Unido: BMJ Publishing Group, p. 1155.
- DE GOURNAY, Chantal (2002), «Pretense of Intimacy in France», in James Katz e Mark Aakhus (eds.), *Perpetual Contact, Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*, Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, pp. 193-205.
- FORTUNATI, Leopoldina (2002a), «Italy: stereotypes, true and false», in James Katz e Mark Aakhus (eds.), *Perpetual Contact, Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 42-62.
- FORTUNATI, Leopoldina (2002b), «The Mobile Phone: towards new categories and social relations», *Information, Communication & Society*, 5(4), Reino Unido: Taylor and Francis Journals, pp. 513-528.
- FORTUNATI, Leopoldina (2005), «Mobile Telephone and the Presentation of the Self», in Rich Ling e Per Pedersen (eds.) (2005), *Mobile Communications – Re-negotiation of the Social Sphere*, Londres: Springer, pp. 203-218.
- FORTUNATI, Leopoldina e MAGNANELLI, Anna Maria (2002), «El Teléfono Móvil de los Jóvenes» *Revista de Estudios de Juventud* 57, Madrid: Instituto de la Juventud, pp. 59-78.
- FOX, Kate (2001), «Evolution, Alienation and Gossip: the role of mobile telecommunications in the 21st century», Oxford: Social Issues Research Center.
- FRACHIOLLA, Béatrice (2001), «Le téléphone portable pour une nouvelle écologie de la vie urbaine?», *Esprit Critique* 6(3), França: Esprit Critique.
- GERGEN, Kenneth (2002), «The Challenge of Absent Presence», in James Katz e Mark Aakhus (eds.), *Perpetual Contact, Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 227-241.
- GESER, Hans (2004), «Towards a Sociological Theory of the Mobile Phone», Zurique: University of Zurich.

- GOODMAN, James (2003), «Mobile Telephones and Social Capital in Poland», in *Digital Europe: ebusiness and sustainable development*, Forum for the Future.
- HABUCHI, Ichiyo (2005), «Accelerating Reflexivity», in Mizuko Ito, Daisuke Okabe e Misa Matsuda (eds.), *Personal, Portable and Pedestrian – Mobile phones in Japanese life*, Massachusetts: The MIT Press, pp. 165-182.
- HADDON, Leslie (2002), «Juventud y Móviles: el caso británico y otras cuestiones», *Revista de Estudios de Juventud* 57, Madrid: Instituto de la Juventud, pp. 115-124.
- HAMILL, Lynne e LASSEN, Amparo (eds.) (2005), *Mobile World – Past, Present and Future*, EUA: Springer.
- HARPER, Richard *et al.* (eds.) (2005), *The Inside Text – Social, cultural and design perspectives on SMS*, Holanda: Springer.
- HOFLICH, Joachim e ROSSLER, Patrick (2002), «Más que un Teléfono: el teléfono móvil y el uso del SMS por parte de los adolescentes alemanes – resultados de un estudio piloto», *Revista de Estudios de Juventud* 57, Madrid: Instituto de la Juventud, pp. 79-100.
- ITO, Mizuko, OKABE, Daisuke, MATSUDA, Misa (eds.) (2005), *Personal, Portable and Pedestrian – Mobile phones in Japanese life*, Massachusetts: The MIT Press.
- KASESNIEMI, Eija-Liisa e RAUTIAINEN, Pirjo (2002), «Mobile Culture of Children and Teenagers in Finland», in James Katz, Mark Aakhus (eds.), *Perpetual Contact, Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 170-192.
- KATZ, James (2003), «A Nation of Ghosts? Choreography of mobile communication in public spaces», Conference on Mobile Communication, Hungria: Rutgers.
- KATZ, James (2006), *Magic in the Air – Mobile communication and the transformation of social life*, New Jersey: Transaction.
- KATZ, James e AAKHUS, Mark (eds.) (2002), *Perpetual Contact, Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*, Cambridge: Cambridge University Press.
- KATZ, James e SUGIYAMA, Satomi (2005), «Mobile Phones as Fashion Statements: the co-creation of mobile communication's public meaning», in Rich Ling e Per Pedersen (eds.) (2005), *Mobile Communications – Re-negotiation of the social sphere*, Londres: Springer, pp. 63-82.
- KAVOORI, Anandam e ARCENEUX, Noah (eds.) (2006), *The Cell Phone Reader – Essays in social transformation*, Nova Iorque: Peter Lang.
- LASSEN, Amparo (2001), «The Social Shapping of Fixed and Mobile Networks: A historical comparison», Reino Unido: Digital World Research Center, Surrey University.
- LASSEN, Amparo (2002), «A Comparative Study of Mobile Phones Use in Public Places in London, Madrid and Paris», Reino Unido: Digital World Research Center, Surrey University.
- LASSEN, Amparo (2004a), «Emotions and Digital Devices – Affective Computing and Mobile Phones», Reino Unido: Digital World Research Center, Surrey University.

- LASEN, Amparo (2004b), «Affective Technologies – Emotions and mobile phones», *Receiver* 11, Reino Unido: Vodafone.
- LEVINSON, Paul (2004), *Cellphone: The story of the world's most mobile medium and how it has changed everything!*, Nova Iorque: Palgrave MacMillan.
- LICOPPE, Christian e HEURTIN, Jean-Philippe (2002), «France: preserving the image», in James Katz e Mark Aakhus (eds.), *Perpetual Contact, Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 94-109.
- LING, Richard (1997), «One can talk about common manners! – The use of mobile telephones in inappropriate situations», in *Themes in mobile telephony Final Report of the COST 248 Home and Work group*, Leslie Haddon (ed.), Noruega: Telenor.
- LING, Richard (2000a), «It is “in”. It doesn't matter if you need it or not, just that you have it: fashion and the domestication of the mobile telephone among teens in Norway», Noruega: Telenor.
- LING, Richard (2000b), «We Will Be Reached: The use of mobile telephony among Norwegian youth», *Information Technology and People* 13(2), Reino Unido: Emerald Insight, pp. 102-120.
- LING, Richard (2001), «The Social Juxtaposition of Mobile Phone Conversations and Public Space», Departamento de Investigação e Desenvolvimento da Telenor, Noruega: Telenor.
- LING, Richard (2002), «Chicas Adolescentes y Jóvenes Adultos Varones: Dos subculturas del teléfono móvil», *Revista de Estudios de Juventud* 57, Madrid: Instituto de la Juventud, pp. 33-46.
- LING, Richard (2004), *The Mobile Connection: The cell phone's impact on society*, San Francisco: Elsevier.
- LING, Richard e HADDON, Leslie (2001), «Mobile telephony and the coordination of mobility in everyday life», Departamento de Investigação e Desenvolvimento da Telenor, Noruega: Telenor.
- LING, Richard e HELMERSEN, Per (2000), «It must be necessary, it has to cover a need: the adoption of mobile phone telephony among pre-adolescents and adolescents», apresentação em *Conference on the Social Consequences of Mobile Telephony*, Noruega: Telenor.
- LING, Richard e YTTRI, Birgitte (2000), «Nobody sits at home and waits for the telephone to ring: micro and hyper-coordination through the use of the mobile telephone», Noruega: Telenor.
- LING, Richard e YTTRI, Birgitte (2002), «Hyper-coordination via mobile phones in Norway», in James Katz e Mark Aakhus (eds.), *Perpetual Contact, Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 139-169.
- LING, Rich e PEDERSEN, Per (eds.) (2005), *Mobile Communications – Re-negotiation of the social sphere*, Londres: Springer.

- LOBET-MARIS, Claire e HENIN, Jaurent (2002), «Hablar sin Comunicar o Comunicar sin Hablar: del GSM al SMS», *Revista de Estudios de Juventud* 57, Madrid: Instituto de la Juventud, pp. 101-114.
- LORENTE, Santiago (2002), «Juventud y Teléfonos Móviles: Algo más que una moda», *Revista de Estudios de Juventud* 57, Madrid: Instituto de la Juventud, pp. 9-24.
- MANTE-MEIJER, Enid e PIRES, Dóris (2002), «El Uso de la Mensajería Móvil por los Jóvenes en Holanda», *Revista de Estudios de Juventud* 57, Madrid: Instituto de la Juventud, pp. 47-58.
- MATSUDA, Misa (2005), «Mobile Communication and Selective Sociality», in Mizuko Ito, Daisuke Okabe e Misa Matsuda (eds.), *Personal, Portable and Pedestrian – Mobile phones in Japanese life*, Massachusetts: The MIT Press, pp. 123-142.
- MCLUHAN, Marshall (1994, ed. original 1964), *Understanding Media – The Extensions of Man*, Massachusetts: The MIT Press.
- MCLUHAN, Marshall (1969), «The Playboy Interview: Marshall McLuhan», *Playboy Magazine*, Março de 1969, in Eric McLuhan e Frank Zingrone (1995), *Essential McLuhan*, Canadá: Basic Books.
- MCLUHAN, Eric e ZINGRONE, Frank (1995), *Essential McLuhan*, Canadá: Basic Books.
- MIYATA, Kakuko, BOASE, Jeffrey, WELLMAN, Barry e IKEDA, Ken'ichi (2005a), «The Mobile-izing Japanese», in Mizuko Ito, Daisuke Okabe e Matsuda Misa (eds.), *Personal, Portable and Pedestrian – Mobile phones in Japanese life*, The MIT Press, Massachusetts.
- MIYATA, Kakuko, WELLMAN, Barry e BOASE, Jeffrey (2005b), «The Wired – and Wireless – Japanese: Webphones, PCs and Social Networks», in Rich Ling e Per Pedersen (eds.) (2005), *Mobile Communications – Re-negotiation of the social sphere*, Londres: Springer, pp. 427-450.
- OKABE, Daisuke (2004), «Emergent Social Practices, Situations and Relations through Everyday Camera Phone Use», *Mobile Communication and Social Change*, na 2004 International Conference on Mobile Communication, Seul.
- PALEN, Leysia, SALZMAN, Marilyn e YOUNGS, Ed (2000), «Going Wireless: Behaviour and practice of new mobile phone users», *EUA: Computer Supported Cooperative Work (CSCW'00)*, 2-6.12, pp. 201-210.
- PARK, Woong Ki (2005), «Mobile Phone Addiction», in Rich Ling e Per Pedersen (eds.) (2005), *Mobile Communications – Re-negotiation of the social sphere*, Londres: Springer, pp. 253-272.
- PERETTI-WATEL, Patrick, LEGLEYE, Stéphane e BECK, François (2002), «Cigarettes and Mobile Phones: are they complementary or substitutable products?», *Drugs: Education, Prevention and Policy* 4(9), Reino Unido: Taylor & Francis Health Sciences, pp. 339-343.
- PLANT, Sadie (2001), *On the Mobile: The effects of mobile telephones on social and individual life*, Motorola.

- PRASOPOULOU, E., PANTELI, N. e POULOU, N. (2004), «Social Accessibility and the Mobile Phone: A temporal perspective», Atenas: Athens University of Economics and Business.
- PURO, Jukka-Pekka (2002), «Finland: a mobile culture», in James Katz e Mark Aakhus (eds.), *Perpetual Contact, Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 19-29.
- RIVIÈRE, Carole (2005), «Mobile Camera Phones: A new form of “being together” in daily interpersonal communication», in Rich Ling e Per Pedersen (eds.) (2005), *Mobile Communications – Re-negotiation of the social sphere*, Londres: Springer, pp. 167-186.
- ROSEN, Christine (2004), «Our Cell Phones, Ourselves», *The New Atlantis Journal* 6, EUA: Ethics and Public Policy Center, pp. 26-45.
- SKOG, Berit (2002), «Mobiles and the Norwegian Teen: Identity, gender and class», in James Katz e Mark Aakhus (eds.), *Perpetual Contact, Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 255-273.
- TAYLOR, Alex (2005), «Phone Talk», in Rich Ling e Per Pedersen (eds.) (2005), *Mobile Communications – Re-negotiation of the social sphere*, Londres: Springer, pp. 149-166.
- TAYLOR, Alexander e HARPER, Richard (2001a), «The Gift of the Gab?: A design sociology of young people’s use of “mobilize”!», Reino Unido: Digital World Research Center, Surrey University.
- TAYLOR, Alexander e HARPER, Richard (2001b), «Talking “Activity”: Young People & Mobile Phones», *Proceedings of Mobile Futures Workshop*, 31.03-05.04, EUA.
- TAYLOR, Alexander e HARPER, Richard (2002), «Age-old Practices in the “New World”: A study of gift-giving between teenage mobile users», Reino Unido: Digital World Research Center, University of Surrey.
- The Mobile Life Report 2006 – How mobile phones change the way we live*, The Carphone Waterhouse e LSE (London School of Economics and Political Science), Londres: The Carphone Waterhouse, 2006.
- TOWNSEND, Anthony (2001), «Mobile Communications in the 21st Century City», in Barry Brown (ed.), *Wireless World: Social and interactional aspects of the mobile age*, Berlim: Springer-Verlag.
- VINCENT, Jane e HARPER, Richard (2003), «Social Shaping of UMTS: Preparing the 3G customer», Reino Unido: UMTS Forum Report 26.
- VINCENT, Jane (2004a), «Are Mobile Phones Changing People?», Reino Unido: Digital World Research Center, University of Surrey.
- VINCENT, Jane (2004b), «11 16 Mobile: Examining Mobile Phone and ICT Use Amongst Children Aged 11 to 16», Reino Unido: Digital World Research Center, University of Surrey.
- WILSKA, Terhi-Anna (2003), «Mobile Phone Use as a Part of Young People’s Consumption Styles», *Journal of Consumer Policy* 26, Holanda: SpringerLink, pp. 441-463.